



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

Rodrigues Leite, Letticia Batista

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA ANTIGUIDADE? ENSAIO EM TORNO DOS
TRABALHOS DE SANDRA BOEHRINGER

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 26, núm. 2, 2013, pp. 227-238

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770908015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA ANTIGUIDADE? ENSAIO EM TORNO DOS TRABALHOS DE SANDRA BOEHRINGER

Letticia Batista Rodrigues Leite*

Luc Brisson e Sandra Boehringer abrem o verbete “*Grèce antique*” (Grécia antiga), que compõe o *Dictionnaire de l’Homophobie* (Dicionário da Homofobia), com a seguinte assertiva:

Do século VIII a.C. à Roma Imperial (II d.C.), nunca existiu na língua grega termos que correspondessem à homossexualidade ou à heterossexualidade. Os gregos jamais elaboraram nem pensaram uma categoria sexual que englobasse indistintamente homens e mulheres de todos os meios sociais, tendo por característica comum o fato de sentirem atração por pessoas do mesmo sexo¹.

No entanto, pelo menos, e sobretudo nos últimos 30 anos, no âmbito dos Estudos Clássicos, alguns são os títulos² em que o substantivo “homossexualidade” aparece. As justificativas, claro, são variadas e encontram-se relacionadas com as perspectivas de abordagem adotadas pelo respectivo(s) autor(es) ou autora(s) dos trabalhos em questão. Isto pode e, ao meu ver, deve ser verificado caso a caso, porém não é meu objetivo aqui repertoriar ou mesmo fazer um balanço de cada um desses registros. Como deixa explícito o título do presente ensaio bibliográfico, a proposta aqui é tratar de “homossexualidade feminina”, e mais especificamente, deste tema no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela pesquisadora Sandra Boehringer.

S. Boehringer, professora da *Université Marc-Bloch de Strasbourg*, é a autora do primeiro trabalho inteiramente³ dedicado ao tema dos amores entre mulheres na Antiguidade grega e romana, ou melhor, ao estudo dos discursos, das representações acerca de relações eróticas e/ou amorosas entre mulheres: *L’homosexualité féminine dans l’Antiquité grecque et romaine* (Homossexualidade feminina na Antiguidade

*Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne

1. Boehringer, S. et Brisson, L., « Grèce Antique », dans TIN, L.-G. (dir.), *Dictionnaire de l’homophobie*, Paris, PUF, 2003, p. 199 : *Depuis le VIII^e s. avant J.-C. jusqu'à l'époque romaine impériale (II s. après J.-C.), il n'a jamais existé en langue grecque de termes signifiant homosexualité ou hétérosexualité. Les Grecs n'ont jamais élaboré ni pensé une catégorie sexuelle qui englobait indistinctement hommes et femmes de tous milieux sociaux ayant pour caractéristique commun d'être attirés par les personnes de même sexe.* (Todas as traduções, salvo indicação contrária, são de minha autoria e inteira responsabilidade).

2. Cito aqui, como exemplo, apenas alguns trabalhos: Dover, K. J., *Greek homosexuality*, Londres, Duckworth, 1978. Traduzido em português por Luís Sérgio Krausz, *A Homossexualidade na Grécia Antiga*, 1 ed., São Paulo, Nova Alexandria, 1994. Halperin, D. M., *One hundred years of homosexuality: And others essays on Greek love*, New York, Routledge, 1990. Sergent, B., *L’homosexualité dans la mythologie grecque*, Paris, 1984 et *L’homosexualité initiatique dans l’Europe ancienne*, Paris, 1986.

3. Antes, disso, alguns pesquisadores e pesquisadoras haviam dedicado parte dos seus trabalhos para falar destas relações. Cf., entre outros: Calame, C., *Les Chœurs de jeunes filles en Grèce archaïque, I Morphologie, fonction religieuse et sociale, II Alcman*, Rome, Edizioni Dell’Ateneo & Bizarri, 1977. Dover, K. J., “Women and Homosexuality”, 1978, p. 171-184. Cantarella, E., *Secondo natura*, Rome, Riuniti, 1988. Hallett, J. P., “Female Homoeroticism and

the denial of roman reality in Latin literature”, *Yale Journal of Criticism* 3.1, 1989, p. 209-227. Halperin, D. M., “The first homosexuality?” [1997], *How to do the history of homosexuality*, Chicago, The University of Chicago Press, 2002, p. 48-80. Rabinowitz, N. and Auanges, L. (éd.), *Among Women. From the Homosocial to the Homoerotic in the Ancient World*, Austin, University of Texas Press, 2002. Ernoult, N., “L’homosexualité féminine chez Platon”, *Revue française de psychanalyse* 1, 1994, p. 207-218.

4. Boehringer, S., *L’Homosexualité féminine dans l’Antiquité grecque et romaine*, Paris, Les Belles Lettres, 2007.

5. Cf. entre outros: Brisson, L., “Bisexuality et médiation en Grèce ancienne”, *Nouvelle Revue de psychanalyse* 7, 1973, p. 27-48. —, *Le sexe incertain. Androgynie et hermaphroditisme dans l’Antiquité gréco-romaine*, Paris, Les Belles Lettres, 1997. —, « Le Banquet de Platon comme document sur les comportements sexuels et leur représentation sociale », dans L.G.-Tin (éd.), *Homosexualités. Expression : répression*, Paris, Stock, p. 49-62.

6. Cf. entre outros: Calame, C. 1977. —, *Le récit en Grèce ancienne. Énonciation et représentation des poètes*, Paris, Belin, 1986.

7. Cf. entre outros: Dupont, F., *L’invention de la littérature. De l’ivresse grecque au texte latin*, Paris, La découverte, 1994. Dupont, F. et Éloit, T., *L’érotisme masculin dans la Rome antique*, Paris, Belin, 2001.

Grega e Romana)⁴. Livro publicado pela reconhecida editora *Les Belles Lettres*, em 2007, e que apresenta os resultados da sua tese de doutorado, orientada por Luc Brisson – ele mesmo autor de inúmeros trabalhos acerca das sexualidades antigas⁵. A defesa de doutorado de S. Boehringer ocorreu no ano de 2003, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris. Na ocasião, o título do trabalho apresentado era *L’homosexualité féminine dans le discours antique: les relations sexuelles et amoureuses entre femmes dans la construction culturelle et les représentations littéraires des catégories sexuelles grecques et romaines* (A homossexualidade feminina no discurso antigo: as relações sexuais e amorosas entre mulheres na construção cultural e as representações literárias das categorias性uais gregas e romanas). Título que apresentava de forma mais explícita o fato de que neste e em outros estudos, a pesquisadora está preocupada em evidenciar, através de suas análises propostas, que as noções de sexualidades tratam-se de construções sociais. Portanto, suas práticas, as categorizações que se encontraram relacionadas ou não às mesmas, e suas respectivas representações variam, uma vez que mudamos de contexto temporal, social, enfim, de contexto histórico. Mas não só.

S. Boehringer preocupa-se também em ler e interpretar seus textos de uma perspectiva também ela antropológica. Na esteira dos trabalhos desenvolvidos, entre outros, por Claude Calame⁶ e Florence Dupont⁷, a estudiosa cuida em precisar às suas leitoras e leitores as implicações relacionadas às “*mise en forme*” de cada um dos discursos textuais e pictóricos que analisa. Dito de outro modo, ela preocupa-se com as consequências relacionadas às pragmáticas dos discursos construídos em um dado contexto histórico, e portanto, social, em que os autores e seu público se inserem. Isto quer dizer que S. Boehringer leva em conta não apenas o “formato”, o gênero discursivo escolhido, mas sobretudo as formas por meio das quais cada um dos autores considerados se valerá das convenções relacionadas aos mesmos. Ademais, S. Boehringer encontra-se sempre atenta aos objetivos visados pelos autores, uma vez que optam por construir este discurso visando muito provavelmente, *a priori*, determinados “efeitos” no seu público. Vale ainda dizer que a autora procura sempre considerar o lugar que os discursos enfocados ocupam no conjunto das

obras dos respectivos autores estudados, assim como os possíveis diálogos intertextuais/inter-discursivos que porventura os mesmos estabeleçam com outros textos/ discursos.

Dito isto, voltemos nossa atenção à presença do substantivo “homossexualidade” em ambas as versões de título escolhidos pela autora. Pois, se por um lado S. Boehringer deixa claro que parte do pressuposto de que:

Na Antiguidade greco-romana, não existe equivalente algum à noção moderna de sexualidade. No sentido que nós a entendemos atualmente – *mutatis mutandis* -, a sexualidade designa as práticas sexuais reais, mas também os desejos não concretizados, os fantasmas confessos ou não, e, de modo geral, a totalidade do percurso sexual de uma pessoa assim como sua *atitude* frente a este percurso. A sexualidade contemporânea é parte constitutiva da identidade psicológica de um indivíduo. Na Antiguidade, um indivíduo não tem sexualidade, ele exerce algumas práticas. Na Grécia, falamos de *ἀφορδίσια* para fazer referência aos “prazeres sexuais”, e, em Roma, fala-se às vezes de “coisas de Vênus”, mas com maior frequência de coito, de união sexual. O indivíduo não se constitui pessoalmente pelo seu percurso sexual: na Grécia e em Roma, não “somos” sexualmente, mas “fazemos” sexualmente⁸.

Não obstante, por outro lado, a autora ainda assim defende, justifica e precisa a sua escolha e o *seu* uso do termo, da noção de “homossexualidade”. Ela afirma:

Neste estudo, os termos de “relações homossexuais” e de “homossexualidade” serão utilizados no sentido de “relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo”, e não como termos designando uma categoria de pessoas que se reconhecem quanto tais, que possuem uma cultura e reivindicações comuns (aspecto sobretudo implicado pela expressão “gays e lésbicas”). Esta escolha trata-se de uma espécie de comodidade (recorrer sem cessar a perífrases deixaria o texto pesado), mas também implica uma forma de realismo (por “relações entre pessoas do mesmo sexo”, entendemos de todo modo “relação homossexual”, e de toda maneira essas expressões têm hoje uma conotação categorizante)⁹.

8. Boehringer, S., 2007, p. 28-29: *Dans L'Antiquité gréco-romaine, il n'existe aucun équivalent de la notion moderne de sexualité. Dans le sens où nous l'entendons actuellement – mutatis mutandis –, la sexualité désigne les pratiques sexuelles réelles, mais aussi les désirs non concrétisés, les fantasmes avoués ou non, et, de façon générale, la totalité du parcours sexuel d'une personne ainsi que son attitude face à ce parcours. La sexualité contemporaine est constitutive de l'identité psychologique d'un individu. Dans L'Antiquité, un individu n'a pas de sexualité, il se livre à des pratiques. En Grèce, on parle des ἀφορδίσια pour désigner les « choses de la jouissance sexuelle », et, à Rome, on parle parfois des « choses de Vénus », mais plus souvent de coït, d'union sexuelle. L'individu ne se construit pas par son parcours sexuel : en Grèce et en Rome, on n'est pas sexuellement, on « fait » sexuellement.*

9. Boehringer, S., 2007, p. 27 : *Dans cette étude, les termes de « relations homosexuelles » et d'« homosexualité » seront utilisés dans le sens de « relations sexuelles entre personnes de même sexe », et non comme désignant une catégorie de personnes se reconnaissant comme telles et qui ont une culture et des revendications communes (aspect davantage impliqué par l'expression « gays et lesbiennes »). Ce choix est une affaire de commodité (recourir sans cesse à des périphrases alourdit le texte), mais aussi une forme de réalisme (dans « relation entre personnes de même sexe », nous entendons de toutes façons « relation homosexuelle », et quoique en soit, ces expressions ont toujours pour nous une connotation catégorielle).*

10. Foucault, M. *La volonté de savoir, Histoire de la sexualité*, vol. I, Paris Gallimard, 1976. —, *L'usage des plaisirs, Histoire de la sexualité*, vol. II, Paris, Gallimard, 1984(a). —, *Le souci de soi, Histoire de la sexualité*, vol. III, Paris, Gallimard, 1984(b).

11. Boehringer, S., 2007,
p. 10.

12. Esta crônica, intitulada “*Broutons; genres; pois chiches*”, foi gentilmente compartilhada comigo por S. Boehringer. Visto que, conforme assinalado, o mesmo foi retirado da rede três dias depois da sua publicação.

Não por acaso, o livro conta com prefácio escrito pelo pesquisador e professor David M. Halperin, cujos trabalhos - tais quais os de S. Boehringer - inscrevem-se numa espécie de continuidade aos trabalhos em torno da “sexualidade”, realizados pioneiramente por Michel Foucault, a partir da segunda metade da década de 1970¹⁰. As abordagens de S. Boehringer, e de D. M. Halperin, para além do fato de tratarem das práticas (homo)sexuais na Antiguidade, partilham a oposição de M. Foucault a uma perspectiva essecialista em torno das noções de sexualidades. Consequentemente, estes pesquisadores constroem uma história em que seu suposto objeto de partida: a noção de “sexualidade”, é sistematicamente desmontado, feito em estilhaços, ausentado em prol da emergência de outras possibilidades de se conceber os agentes praticantes de/e sujeitos aos prazeres. É, portanto, para este paradoxo inerente ao projeto foucaultiano de uma história da sexualidade que D. M. Halperin aponta, ao enfatizar que apesar do que pode deixar supor, ‘esta história não presume a existência de uma entidade chamada ‘sexualidade’ que seria o objeto estável de uma investigação histórica através de diferentes períodos e culturas’¹¹.

Entretanto, esta concepção encontra ainda hoje uma forte oposição. Fato este que justifica, em parte, a polêmica recepção que envolveu o trabalho de S. Boehringer, quando da sua publicação, no final de outubro 2007, pela respeitada editora *Belles Lettres*. Controvérsia, aliás, lançada de forma inusitada, pelo presidente do comitê de vigilância (“*comité de surveillance*”) da editora, Michel Desgranges - que curiosamente ademais, era presidente da *Belles Lettres* na época em que o manuscrito do livro de S. Boehringer foi aceito para publicação.

No dia 16 de novembro de 2007, encontrava-se na página de abertura do site da *Belles Lettres*, uma crônica em torno do livro recém lançado de S. Boehringer, assinada por M. Desgranges¹². Texto ao longo do qual o autor tece considerações nada elogiosas a Foucault – a quem, para dar um exemplo do tom da crônica, ele se refere como um adepto do “*first-fucking*”, - para em seguida atacar o seu projeto, a seu ver absurdo, de se pretender escrever uma história sobre um “*fait de nature*”: a sexualidade. Nesta perspectiva,

sua leitura do trabalho de S. Boehringer não poderia ser outra que extremamente negativa. Perspectiva que, aliás, Desgranges deixa explícita logo de início, ao referir-se ao livro que avalia como uma obra “*de dames*” -, nascida que é, nas suas palavras, da conjugação *démodé* do *gender studies* (que ele considera como “propaganda feminista”) e da história da sexualidade. E, para não dizer mais de um texto permeado de referências às supostas práticas sexuais entre mulheres – ali transformadas em figuras de crítica ao trabalho da S. Boehringer -, destaco apenas que Desgranges encerra sua crônica desmerecendo a pesquisadora de forma pouco elegante. O cronista vale-se de termos abertamente irônicos na sua referência à autora, defendida por ele em termos de “*autouse*” e “*professeuse*”. Uma vez que, do ponto de vista de M. Desgranges, S. Boehringer tornava-se professora às custas de um trabalho pouco, ou nada, merecedor de créditos.

Esta crônica - ademais enviada pela *mailing-list* da editora para mais de 20 mil pessoas -, seria retirada do site apenas três dias depois, após solicitação formal por parte S. Boehringer¹³. Assim, acerca disto, mas também para além disso, os debates em torno do trabalho de S. Boehringer continuariam: sejam eles veiculados por parte de artigos lançados pela imprensa¹⁴, seja por intermédio de revistas acadêmicas¹⁵. Neste último âmbito, vale destacar, ainda que brevemente, a resenha assinada pela pesquisadora Danielle Gourevitch, e publicada pela revista *Latomus*, cerca de dois anos depois¹⁶. Texto no qual os apontamentos críticos reiteram as perspectivas presentes, anos antes, na crônica de M. Desgranges. D. Gourevitch, aliás, nada mais faz que retomar pontos de suas posições já manifestas em outras leituras críticas relativas a outros trabalhos¹⁷. Posições que, em linhas gerais, vão no sentido de acusar de falta de profissionalismo e objetividade, os trabalhos empreendidos por pesquisadores que assumem uma postura militante (e, manipuladora) – como, ao seu ver, é o caso do livro de S. Boehringer. Postura política que, de resto, D. Gourevitch repudia e acusa de estar presente “por trás” dos *gender studies* e dos chamados “*gays and lesbians studies*”. Duas áreas de estudos que a autora expressamente filia às instituições norte-americanas, sem no entanto esquecer-se de dirigir

13 Sandra Boehringer relatou-me (assim como gentilmente deu-me acesso ao e-mail de resposta recebido) que, ao escrever para a diretora da *Belles Lettres*, Caroline Noirot, assinalando seu incômodo relativo ao texto, a mesma respondeu desculpando-se, porém dizendo que não teria notado nada de incômodo no que se refere ao conteúdo desta crônica “escrita num tom livre”. Não obstante, em seguida, C. Noirot, enviou um e-mail coletivo à *mailing-list* da editora, com o objetivo de dissipar qualquer mal entendido relativo à posição da mesma. Pois, ela esclarece, a *Belles Lettres* jamais teria aceito publicar um trabalho cuja qualidade julgassem questionável. Para tanto, C. Noirot cita um trecho presente na elogiosa crítica ao livro, escrita por Romain Brethes, intitulada “*Épouses et concubines*”, publicada em *Le Point*, 8 novembro 2007, disponível em: <http://www.lepoint.fr/culture/2007-11-08/epouses-et-concubines/249/0/209167>.

14. Destaco: artigo publicado pelo *Le Monde des livres*, no dia 07 de dezembro de 2007, intitulado “*Bons sens et mauvais genre*”, assinado por Jean Birnbaum, e que trouxe um comentário crítico a respeito da referida crônica de Desgranges. Esta mesma mesma publicação trouxe, ainda, uma resenha do livro de S. Boehringer, assinada por L.-G. Tin: “*Amours féminines. Sandra Boehringer analyse l'homosexualité antique*”.

15. Resenha de Ormand, K., *American Journal of Philology* 134, 2013, p. 163-166.

16 Resenha de Gourevitch, D., *Latomus* 69, 2010, p. 223-225.

17. Cf. Gourevitch, D., “*La sexualité de l’Antiquité. Essai à propos de publications récentes*», *Antiquité Classique* 68, 1999, p. 331-334. Texto citado e criticado por S. Boehringer, 2007, p. 26.

18. Cf. Gourevitch, D., 1999, p. 331. A autora abre seu texto dizendo acerca de M. Foucault: “(...) embora

Foucault tenha feito tudo para se desvirilizar, ele tinha o grave defeito de ser um homem e, portanto, não pode ir até o fim” (...) *Foucault, encore qu'il fit tout pour se déviriliser, avait le grave défaut d'être un homme et ne pouvait donc aller jusqu'au bout.*

19. Cf.: Lear, A. and Altman, M., “The unspeakable vice of the Americans”, Iris, *The Newsletter of the Lambda Classical Caucus*, Fall, 2010. Disponível em: http://eugesta.recherche.univ-lille3.fr/PDF/Altman-Lear_article_from_Iris_on_S.%20Boehringer.pdf. Acesso: 29/06/2013.

20. Albertini, P., « Histoire », dans TIN, L.-G. (dir.), 2003, p. 215-218:

21 Albertin, P., 2003, p. 215 : *Jusqu'à une date tout à fait récente, l'homosexualité n'était pas un sujet légitime pour les historiens. Plusieurs facteurs concourraient à ce mépris : d'une part, la longue prééminence du politique prédisposait peu les historiens à s'intéresser aux conduites privés (tout au plus évoquait-on les « goûts contre nature » réels ou supposés, de tel ou tel grand personnage) ; d'autre part, les universitaires étaient censés partager l'horreur des bonnêtes gens devant pareille abomination [...] « quiconque se risquait à s'intéresser de trop près au corpus documentaire, craignait d'être soupçonné de sympathies douteuses, comme s'il cherchait dans le comportement des Grecs une justification à la levée*

críticas de ordem pouco acadêmica a, entre outros, M. Foucault, que ela apresenta como espécie de figura paterna destes domínios de estudo¹⁸.

Apresentado este pequeno balanço inicial em torno das perspectivas gerais que fundamentam os trabalhos de S. Boehringer, assim como as críticas aos mesmos¹⁹, - e antes de apresentar pontos mais precisos que aparecem no conjunto da obra desta pesquisadora -, destaco por fim, algumas breves e precisas observações feitas pelo historiador Pierre Albertin. Visto que o autor, logo na abertura do seu verbete “História”, presente no já citado *Dictionnaire de l'Homophobie*²⁰, declara:

Até bem recentemente, a homossexualidade não era tida pelos historiadores como um assunto legítimo. Diversos fatores contribuíram para este desprezo: de um lado, a longa proeminência do político pouco predispunha os historiadores a se interessarem pelas condutas privadas (eram sobretudo evocados os gostos “contra a natureza”, reais ou supostos de tal ou tal grande personagem); por outro lado, supunha-se que os universitários partilhavam o horror das pessoas honestas frente à tamanha abominação [...] alguém que se arriscasse a se interessar com muita proximidade a este *corpus* documental, temia ser suspeito de simpatias duvidosas, como se procurasse no comportamento dos gregos uma justificativa para a suspensão das proibições no tocante aos homossexuais presentes na Europa da primeira metade do século XX)²¹.

Consideração que faço aqui, como forma de sublinhar o fato de que as ausências, os rumores e barulhos historiográficos em torno das (homo)sexualidades, - e, particularmente, em torno da homossexualidade feminina -, possuem eles também uma longa e complexa história. Narrativa que, de resto, encontra-se intimamente atrelada aos contextos em que as discursos historiográficos são enunciados. E, ao meu ver, os trabalhos de S. Boehringer possuem, entre outras, a virtude de estarem atentos a toda esta multiplicidade de relações.

SEXO, GÊNERO E (HOMO)SEXUALIDADES NA ANTIGUIDADE: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE SANDRA BOEHRINGER:

Se a homossexualidade constitui-se em tema tardio no âmbito da historiografia, no entanto a área de Estudos Clássicos parece ter primazia reconhecida no trato da temática.

Aspecto que aliás, P. Albertin não deixa de destacar ao longo do seu supracitado verbete. Ao fazê-lo, porém, ele ressalta: ‘É no campo da história antiga, e, particularmente, da história grega, que o tabu foi primeiramente rompido, não obstante, isto se deu em benefício de uma exegese estritamente homofóbica’²². Assim, seria sobretudo a partir dos anos 1970, com a eclosão de movimentos sociais que englobam: o (re)aparecimento dos movimentos feministas e as organizações dos primeiros movimentos LGBT’s, com a progressiva descriminalização e despatologização da homossexualidade, que a temática começa a ser retomada a partir de perspectivas outras.

É, pois no final da década de 1970, que será publicado o primeiro trabalho inteiramente dedicado ao tema, no âmbito da Antiguidade: *Greek Homosexuality*, de Kenneth J. Dover (1978). Além disso, não é excessivo mencionar ainda uma vez, a emergência, dois anos antes, do projeto de escrita de uma *História da Sexualidade*, levado a cabo, na França, por M. Foucault - e que continuaria em curso até a primeira metade da década seguinte. Especialmente porque, o segundo e terceiro volumes da série voltaram-se para a Antiguidade, e nestes a influência dos trabalhos de K. J. Dover é explícita.

É relevante sublinhar, ainda, que o objetivo de K. J. Dover era tratar não apenas da homossexualidade masculina, mas também da homossexualidade feminina, assim como das perspectivas femininas acerca da primeira. E é destes últimos dois aspectos que o autor pretende tratar em uma quinzena de páginas que compõe apenas uma parte do terceiro capítulo do seu livro. Parte esta intitulada: “*Women and Homosexuality*”. Não por acaso K. J. Dover abre seu capítulo justificando tal brevidade:

O fato de que a homossexualidade feminina e a atitude das mulheres com relação à homossexualidade masculina possam ambas serem discutidas em uma parte de um capítulo, reflete a escassez de escritoras e de artistas no mundo grego, assim como o silêncio quase total dos escritores e dos artistas sobre o assunto²³.

Ora, os trabalhos de S. Boehringer – aliás duramente criticados por explorar em demasia tamanho silêncio -, efetivamente não infirmam esta observação inicial e geral de K. J. Dover. Entretanto, na medida em que a pesquisadora explora com esmero os discursos em que as representações de relações entre mulheres aparecem, ela também procura entender

des interdits qui frappaient encore les homosexuels dans l'Europe du premier XX^e s.).

22. Albertin, P., 2003, p. 216 : *C'est dans le champ de l'histoire ancienne et notamment de l'histoire grecque que le tabou fut levé le plus tôt, mais au bénéfice d'une exégèse strictement homophobe.* Vale assinalar que para além da exegese homofóbica, e que de modo geral se caracteriza pela busca de dessexualizar a relação homossexual masculina, transformando-a em relação espiritual; o autor cita, ainda, como contra-exemplo, o livro *A problem in Greek ethics*, escrito pelo professor de Oxford John Addington, e publicado em 1883. Livro cuja recepção foi bastante problemática e profissionalmente consequente para o autor.

23. K. J. Dover, 1978, p. 171: *That female homosexuality and the attitude of women to male homosexuality can both be discussed within one part of one chapter reflects the paucity of women writers and artists in the Greek world and the virtual silence of male writers and artists on these topics.*

os fatores que fazem com que, a partir do chamado período clássico grego (V-IV a.C.), a sociedade grega e, mais tarde, a sociedade romana antigas, - ambas, no entanto, profícias na produção de representações, - optam *quase* (e, sobretudo em comparação às demais manifestações amorosas-sexuais) que por calar-se no que se refere às estas relações/práticas.

24. Trabalho que é fruto da tese defendida em 1979, de autoria da historiadora Marie-Jo Bonner, realizada sob a orientação de Michèle Perrot. Este trabalho foi publicado pela primeira vez em 1981, sob o título *Un choix sans équivoque*, e será reeditado em 1995 com o nome de *Les Relations amoureuses entre les femmes du XVI^e au XX^e siècle*.

25. Refiro-me à disciplina oferecida por Françoise Gaspard e Didier Eribon, de 1998 à 2004, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

26. Cf.: Boehringer, S., 2007a, p. 66-70, 143-147.

27. Cf.: Boehringer, S., « Sexe, genre, sexualité : mode d'emploi (dans l'Antiquité) », *Kentron* 21, 2003, p. 83-110. Disponível em :<http://www.unicaen.fr/puc/ecrire/revues/kentron/kentron21/k2104boehringer.pdf>. Acesso: 30/06/2013. —, « Le genre et la sexualité. État de lieux et perspectives dans le champ des études anciennes », *Lalies* 32, 2012, p. 145-167.

28. S. Boehringer, avec la collaboration de L.-G. Tin, *Homosexualité. Aimer en Grèce et à Rome*, Paris, Les Belles Lettres, 2010, p. 279-280.

Porém, antes de expor alguns dos pontos trabalhados por S. Boehringer, quer-se aqui sublinhar previamente outros fatores conjunturais. O primeiro deles é a diferença de quase 30 anos que separa a publicação da obra de K. J. Dover da publicação da tese de S. Boehringer. Interessante é notar ainda, que no contexto acadêmico francês, se apenas em 1981 fora publicado o primeiro trabalho cujo tema central em pauta era a homossexualidade feminina²⁴; somente bem mais tarde ainda, em 1998, teve lugar, pela primeira vez no âmbito universitário, a oferta de uma disciplina inteira e explicitamente dedicada a tratar da questão das homossexualidades²⁵.

Feitas estas observações, tornam-se ainda menos anódinas as contribuições representadas pelos artigos e demais trabalhos de S. Boehringer. Pesquisas feitas não apenas em torno e a partir dos discursos (textuais e iconográficos²⁶) relativos à homossexualidade feminina, mas também acerca das categorias usadas pelos antigos, que nos permitem ou não, ou até certo ponto, falar e instrumentalizar noções tais quais sexo, gênero e (homo)sexualidade²⁷. As análises de S. Boehringer impressionam igualmente pela extensão do período e tipos de representações analisadas. Vale, portanto, ressaltar, que não se pretende aqui, em medida alguma, dar conta em detalhe dos diversos aspectos por ela discutidos, mas apenas destacar alguns pontos.

Desta diversidade dá claro testemunho a reunião de documentos apresentados e brevemente comentados, por S. Boehringer, ao longo do livro *Homosexualité. Aimer en Grèce et à Rome*. Coletânea que traz ao final um “*Addendum. Les relations sexuelles entre femmes, un parcours de lecture*”, por meio do qual a pesquisadora pretende disponibilizar às leitoras e leitores interessados, uma espécie de itinerário que os guiará mais facilmente na busca específica pelas representações antigas das relações entre mulheres. Percurso este que, vale destacar, traz listado mais de 30 referências²⁸.

Dentre estas constam, evidentemente, as primeiras representações que nos chegaram, e que trazem, cada uma a sua maneira, manifestações discursivas do erotismo entre

mulheres, quer seja: os fragmentos poéticos amorosos atribuídos a Alcman e a Safo. Ao tratar destes dois distintos universos enunciativos, – de cujas respectivas particularidades, insisto, não pretendemos tratar aqui -, S. Boehringer ressalta, sobretudo, um importante traço comum a estes discursos no que se refere ao homoerotismo feminino que enunciam (ou sugerem, como é o caso do polêmico fragmento de Anacreonte, que a pesquisadora também discute nesta primeira parte²⁹): a ausência de qualquer condenação moral ao mesmo. Constatção que, ademais, corrobora as conclusões já apresentadas anos antes por C. Calame - como reconhece a própria S. Boehringer -, no estudo em que este analisa os discursos amorosos veiculados, entre outros, pela poesia grega arcaica. Neste sentido, C. Calame afirma que: ‘procurar traçar uma distinção determinante, no âmbito da expressão amorosa grega arcaica, entre relações heterossexuais e homossexuais, não tem definitivamente sentido algum’³⁰.

No que se refere ao período clássico, as representações produzidos são, por sua vez, menos abundantes. O que parece já apontar para uma espécie de “*hors-champ*”, dentre as categorias sexuais antigas, que as relações entre mulheres parecem constituir no âmbito dos discursos produzidos pelas sociedades gregas e romanas antigas. Assim, no que se refere à iconografia, se para este período ela é abundante no que tange às representações homoeróticas masculinas, S. Boehringer conclui que, partindo do quase completo silêncio das imagens quanto às relações entre mulheres, pode-se conjecturar que ‘a sociedade grega gosta de ser vista e se ver como um mundo no qual as mulheres não fazem amor’³¹. Já no plano discursivo filosófico, tais representações só reapareceriam no século IV a.C., no âmbito de dois textos de Platão: *O Banquete*³² e *As Leis*³³. Em ambos as representações destas relações – ademais distintas, uma vez que aparecem dentro de economias textuais bem diferentes – não são em si negativas, apesar de explicitamente interditas no âmbito de *As Leis*, graças a sua esterilidade. S. Boehringer destaca ainda, o fato de que suas representações se diferenciam claramente do tratamento dado às relações homoeróticas masculinas; pois, se no que tange a esta última existem traços de uma regulamentação social quanto ao que convém e o que não convém a cada um dos parceiros: ἐραστής/adulto/ativo//ἐρώμενος/jovem/passivo, no que tange

29. Fr. 358 (PMG)= fr. 13 (Gentili). Cf. Boehringer, S., 2007, p. 60-66.

30. CALAME, C., *L’Éros dans la Grèce antique*, Paris, Belin, 1996, p.71 : chercher à tracer une distinction déterminante dans le domaine de l’expression amoureuse en Grèce archaïque entre relations hétérosexuelles et relations homosexuelles n’a en définitive aucun sens.

31. Boehringer, S., 2007, p.157 : Le silence des images sur les relations entre femmes nous permet de savoir que la société grecque aime être vue et aime à se voir comme un monde où les femmes ne font pas l’amour entre elles.

32. 191d-192a.

33. I 636b1-d4 ; 836c2-6.

34. Boehringer, S., 2007a, p. 91-141.

35 *Antologia Palatina* V, 207.

36. Boehringer, S., 2007, p.175-205.

37. *Heroïdes*, XV, 1-20, 201-206.

38. *Odes*, II, 13, 24-25.

39. Boehringer, S., 2007, p. 223.

40. *Metamorfoses*, II, 409-440 e IX, 714-763. Boehringer, S., « Circulez, il n'y a rien à voir. Le sexe d'Iphis dans les *Métamorphoses* d'Ovide », *Ktéma* 38, 2013, p. 347-358.

41. Para uma análise das versões deste mito cf.: Boehringer, S., 2007, p. 71-88.

às relações entre mulheres, não há sinal algum que aponte para semelhante dissimetria que socialmente regulamentaria estas relações³⁴.

Quanto ao período Helenístico, S. Boehringer nos apresenta a análise dos poucos traços discursivos que testemunham acerca desta modalidade amorosa: o epígrama atribuído a Alcleiades de Samos, e que remonta ao século III a.C³⁵, é um destes³⁶. Epígrama que segundo sua análise – contrariamente à perspectiva apresentada pela maior parte dos comentadores-, se condena a relação entre mulheres, a faz não em si e como reflexo de uma suposta condenação predominante na época do autor, mas claramente a enuncia assim, antes como expressão de um lamento e condenação de seu narrador amorosamente preterido. Ademais, ela destaca o fato de que aí, ainda uma vez, temos a representação de duas mulheres que, se parceiras, em nada são assimétricas. Depois deste testemunho, até a segunda metade do século I a.C. representação alguma, textual ou iconográfica fará menção de relações entre mulheres.

A sociedade romana antiga, por sua vez, retomará a temática reiteradas vezes, dentre estas destacaremos algumas. Neste sentido, merecem destaque as menções presentes em Ovídio, a começar pela 15º carta que compõe as suas *Heroïdes*³⁷; uma vez que nestas, pela primeira vez após Horácio³⁸, Safo e os amores entre mulheres serão evocados. Menção que, ademais, ao contrário de grande parte dos comentadores, S. Boehringer não entende como necessariamente portadora de um julgamento moral negativo, mas antes como um recurso retórico eficaz, instrumentalizado por Ovídio, de modo a valorizar o amor por Faon presentemente evocado pela sua narradora: Safo. Feitas estas observações, S. Boehringer entretanto não deixa de destacar o fato de que, em Roma, é através da figura de Safo que emerge o discurso acerca das relações sexuais e amorosas entre mulheres³⁹. No que tange ao discurso ovidiano relativo aos amores entre mulheres, a pesquisadora também destaca e analisa sua aparição quando esse autor, em sua *Metamorfoses*⁴⁰, ao retomar dois mitos: o mito de Calisto⁴¹ e o mito de Ifis, opta por retomá-los em suas respectivas versões em que esta modalidade amorosa é, em alguma medida, evocada. Feita a análise destas diferentes menções, S. Boehringer chega portanto à conclusão de que, se esta modalidade erótico-amorosa reemergue em Ovídio, ela é discursivamente

posta à parte das demais, para em seguida ser negada como possibilidade erótica de fato realizável. Interpretação convincente, não apenas por dar conta de explicar a maneira pela qual a narradora ovidiana Safo, ao invocar seus amores por mulheres, os relega ao passado de modo a reforçar sua escolha amorosa presente; tal leitura também explica a ausência da mesma nos *Amores*, assim como na *Arte de Amar* de Ovídio.

S. Boehringer faz, pois, questão de sublinhar que, de acordo com suas análises, as primeiras menções explicitamente negativas com relação aos enlaces erótico-amorosos entre mulheres, poderão ser lidas apenas em outros textos. Ora, no começo do I século a.C., é que teríamos o aparecimento de um termo latino cuja função é designar aquelas que praticam esta modalidade erótica: *tribas*⁴². Termo que em grego (τοι-βάς) seria, no entanto, atestado apenas um século depois⁴³. Vocábulos estes que, nos contextos em que aparecem, designam de diferentes maneiras, mas em todo caso, uma prática que aparece como desviante, ou no mínimo particular, no que se refere às normas sociais aceitas. Assim, não por acaso é com esta conatação que o mesmo aparecerá quando da sua primeira evocação relacionada à poetisa Safo, num comentário que remonta ao começo do século III d.C.⁴⁴

Destaco, por fim, as análises que S. Boehringer emprenderá dos discursos satíricos em que aparece o tema das relações entre mulheres. Trata-se dos textos de: Marcial⁴⁵, Pseudo-Luciano⁴⁶, Petrônio⁴⁷, Juvenal⁴⁸ e Luciano⁴⁹, textos em que cenas e/ou referências abertas à relações entre mulheres aparecem, e nos quais seus respectivos enunciadores as representam como condenáveis. S. Boehringer, no entanto, sublinha a importância de contextualizar tais discursos, de modo a entender a função que cada um destes discursos condenatórios desempenha dentro dos enunciados em que aparecem. Ademais, ela destaca o forte jogo de intertextos que, em diferentes medidas, cada um destes autores coloca em jogo em suas respectivas *mise en acte* de tais personagens.

S. Boehringer examinará ainda, um conjunto de discursos antigos de caráter científico, em que as relações entre mulheres são mencionadas⁵⁰. Neste rápido e preciso exame a pesquisadora destaca ainda uma vez, certos efeitos que preconceitos e pressupostos modernos exercem sobre as interpretações de textos antigos relacionados ao tema. Neste sentido,

42. Termo cuja primeira atestação, ambas no acusativo plural (*tribadas*) é difícil de definir dentre: *Fedro*, *Fábulas*, IV, 16 ; Sêneca, *Controvérsias*, I, 2, 23. Excertos analisados em: Boehringer, S., 2007, p.261-271.

43. Para uma lista da ocorrência destes termos cf. Boehringer, S., 2007, p. 272.

44. *Commentum in Horati Epistulas*, I, 19, 28, 3.

45. *Epigrammas*, VII, 67 e 70. Cf. : Boehringer, S., « Le corps de Philaenis ou les ravages de sexe dans les *Épigrammes de Martial* », dans Bodiou, L. et Audebert, M. S. (dir.), *Corps outragés, corps ravagés. Regards croisés de l'Antiquité au Moyen Âge*, Turnhout, Brepols, 2011, p. 231-248.

46. *Amores*, 27-29. Boehringer, S., « Comparer l'incomparable. La *sunkrisis* érotique et les catégories sexuelles dans le monde gréco-romain », dans Perreau, B. (dir.), *Le choix de l'homosexualité. Recherches inédites sur la question gay et lesbienne*, Paris, EPEL, 2007, p. 39-56.

47. Satírico, 67, 11-13.

48. Sátiras, II, 47-54.

49. *Diálogo das Cortesãs*, V. Boehringer, S., « Pratiques érotiques antiques et questions identitaires. Ne pas pendre Lucien au mot (*Dialogues des courtisanes*, V), CLIO (*Histoire, Femmes et Sociétés*) 30, 2010a, p. 19-52.

50. Artemidoro, *Sobre a interpretação dos sonhos*, I, 80. Anônimo, *Tratado de fisiognomia*, 85. Caelius Aurelianus, *Sobre doenças agudas e crônicas*, 4, 9, 132-133.

as análises de S. Boehringer destacam-se por infirmar uma relação há muito defendida por grande parte dos comentadores modernos como estando presente neste textos: a de que uma má formação física relacionada a uma masculinização, o crescimento exarcebado do clitóris, caracterizaria as mulheres que fazem amor com outras mulheres. Não obstante, se a pesquisadora reiteradamente destaca ao longo de suas análises esta ausência direta de uma assimilação por parte dos antigos – diferentemente de grande parte dos comentadores modernos - entre mulheres que amam mulheres e aspectos *a priori* pertencentes ao gênero e práticas sexuais masculinas, ela não deixa de chamar atenção para a insistente presença de *topos* e de um léxico próprios à descrição do “maravilhoso” (*mirabilia, θαύματα*), nos discursos produzidos no período imperial⁵¹.

51. Boehringer, S., « Ces monstres de femmes. Topique des *thaumata* dans les discours sur l'homosexualité féminine aux premiers siècles de notre ère », dans P. Mudry, O. Bianchi et O. Thévenaz (éd.), *Mirabilia. Conceptions et représentations de l'extraordinaire dans le monde antique. (Actes du colloque international, Lausanne, 20-22 mars 2003)*, Echo 4, Bern, Peter Lang, 2004, p. 75-98.

Enviado em julho de 2013
Aprovado em outubro de 2013.